

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA VISÃO DOS/DAS ESTUDANTES

A que e/ou quem serve a universidade? A que e/ou quem se destina o conhecimento que nela é produzido? Quem possui acesso a universidade? Qual o papel que ela cumpre diante dos desafios da sociedade? Qual o papel social do nutricionista? A quem serve o nosso conhecimento? São perguntas como estas, que movem a ação da Executiva Nacional dos/das Estudantes de Nutrição, e fazem com que tão antiga quanto a história do Nutricionista seja a luta pela transformação na base de sua formação.

A compreensão da formação do nutricionista, enquanto prática social desenvolvida numa realidade concreta e histórica, entretanto, é obtida ao se responder a pergunta: que condições materiais permitiram o desenvolvimento do profissional do nutricionista no Brasil? Assim, a formação profissional deve ser analisada como parte integrante da prática produtiva capitalista, através do resgate histórico da formação, inserida no contexto da estrutura socioeconômica brasileira, pois a pergunta: "para que formar nutricionistas?", está ligada a uma outra: "qual a razão social dessa formação?".

Os currículos de ensino da Nutrição no Brasil vem sendo pautados na polarização entre o biológico e o social, o que na verdade significa a discussão acerca da formação técnica e política do nutricionista, como coisas distintas e não de forma indissociáveis como deve ser.

A profissão vem passando por algumas transformações, que são condicionadas em sua maioria, pelo projeto de sociedade adotado no país, pelas políticas governamentais voltadas para área da saúde, sendo assim, as discussões sobre a formação acadêmica tem fundamental importância para interferir no profissional que almejamos inserir no mercado de trabalho, e diante disso, temos grandes desafios para serem superados.

Refletindo sobre a reforma curricular, Não se trata de substituir um currículo por outro, uma disciplina por outra, mas de elaborar, discursivamente, a base de uma argumentação racional e fundamentada, as novas categorias do pensamento e as novas diretrizes que orientarão a formação em Nutrição. Afinal de contas, é o currículo, ou são os vários tipos de currículo presentes nos cursos, que ensinam ao nutricionista quem ele é? A formação profissional significa esforços, sacrifícios e custos de toda natureza. É necessário, portanto, que tenha um significado teórico e prático para o profissional e principalmente para os que usufruem da sua prática. Através das escolhas e práticas adotadas, o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e solidária pode desenvolver-se e consolidar-se.

Os reconhecidos avanços que se tem nas discussões sobre o tema da formação profissional, não tem refletindo na mesma medida em avanços nas práticas, a fim de que de fato, haja uma reforma curricular que possa atender as demandas reais, e as necessidades reais discutidas, o que nos lembra a frase de Paulo Freire, do livro Pedagogia da Autonomia: "de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças", e este é um desafio que nos impõe a pensar e refletir.

Neste processo reflexivo, cabe trazer questões em relação a quem são os agentes dessas mudanças e qual o papel que cada um assume frente a tais desafios.

A formação do ensino superior está alicerçada no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por nossa Constituição, sem esse tripé, não há formação completa do processo educativo.

Porém, o fato das concepções de extensão universitária estarem ligadas a disputa de concepção da própria universidade, para a construção de uma extensão universitária democrática e popular é necessário que os currículos incorporem projetos de extensão que não tenham como proposta político-pedagógica a imposição assistencialista na comunidade, mas sim, a troca, a construção, desconstrução e até reconstrução entre o saber popular e científico, a fim de oferecer alternativas que possam contribuir com a vida de um povo, sem torna-los dependentes, e sim empoderando as pessoas.

Em relação a pesquisa, sua importância está intimamente ligada ao fato de que o elevado desenvolvimento científico é um elemento fundamental para o pleno desenvolvimento do país. E dentro das discussões de formação profissional, a ciência como algo neutro, não pode encontrar espaços.

Como se não bastasse a atual conjuntura de sucateamento de instrumentos, laboratórios e bolsas insuficientes de pesquisa, nos deparamos ainda nas universidades com um processo de mercantilização da produção científica para grandes corporações.

A ação das empresas privadas, junto ao ensino, acentua tal processo de apropriação privada do conhecimento universitário, uma vez que, ocorre a sobreposição dos interesses empresariais e o direcionamento das pesquisas realizadas. Logo, faz-se necessário, o adequado financiamento, para que haja a ampliação do investimento público pra a pesquisa, associada ao fim do apoio das empresas privadas. Para além disto, é necessário também repensar este modelo de produção científica, pautado no produtivismo, que sobrecarrega docentes e estudantes, os obrigando a produzir cada vez mais publicações, ignorando a enorme carga de trabalho que os professores já possuem e a falta de incentivo aos estudantes.

Acreditamos que deva acontecer uma revolução pedagógica nas universidades, com a adoção de métodos pedagógicos e de avaliação que sejam críticos e participativos, e que se reorganize a estrutura acadêmica, a fim de que esta seja permeável à participação democrática da comunidade, que haja mais valorização de projetos de extensão popular.

Nesta semana em que O Sistema Único de Saúde Completa 25 anos, comemoramos as conquistas, apontamos os desafios e nos fortalecemos para a luta pelo SUS ideal. É necessário que se sejam construídas estratégias capazes de estimular a formação para o SUS, comprometidas eticamente com seus princípios e diretrizes, favorecendo a compreensão de que os profissionais em formação e os já inseridos no mercado são agentes sociais e políticos capazes de promover a transformação na sociedade.

Que ainda na formação, os estudantes possam passar por espaços de vivência e aprendizagem que os coloquem em contato com o cotidiano do Sistema Único de Saúde, a fim de influenciar na formação de sujeitos comprometidos com as reais necessidades de saúde da população.

Tais estratégias necessitam estar alinhadas ao processo de mudança na graduação, bem como da construção de novos compromissos entre as universidades, os serviços e os movimentos sociais, para que assim, sejam construídas novas práticas pedagógicas de saúde para formar nutricionistas mais humanizados e que de fato defendem a saúde enquanto direito e não como mercadoria.

É preciso entender que não cabe ao nutricionista o mero papel de prescritor de dietas, nutricionista tem que saber de onde vem e de que maneira são produzidos os alimentos, questionar e intervir no modelo de produção de alimentos que temos hoje, focado no agronegócio e na larga utilização de agrotóxicos e transgênicos, que causam danos a saúde de quem planta e de quem consome e que destroem o meio ambiente.

É urgente a necessidade de termos conhecimento dos impactos negativos causados por este modelo de produção de alimentos promotor de doenças e que põe em risco a vida humana e a soberania alimentar dos povos, para isso precisamos dar enfoque a agricultura familiar agroecológica, através de disciplinas que tratem destas temáticas. Além disto, temos o contexto histórico do uso abusivo dos chamados "defensivos agrícolas" e fertilizantes, que passa despercebido em muitas universidades que não tem os agrotóxicos como temas transversais, onde não são estudados seus malefícios para saúde bem como para os alimentos no processo de produção.

Compreender o que de fato é um sistema alimentar sustentável nos dias de hoje é de fundamental importância para a formação crítica e integral de um nutricionista coerente e que trabalhe em prol da saúde pública.

Entendemos que a formação deve ser completa e dialogar com a sociedade, por isso, como não falar de empoderamento feminino em um curso majoritariamente composto por mulheres? Mulheres que ainda sofrem assédio moral de colegas, professores e chefes, que muitas vezes ganham menos e não tem reconhecimento, mesmo realizando as mesmas atividades que os homens. A discussão do feminismo deve se fazer presente em nosso processo formativo, para que possamos ser combativos(as) com atitudes machistas e opressoras e defendermos a autonomia feminina na profissão.

Temos vários questionamentos em relação ao sistema avaliativo, pois entendemos que da forma como é estruturado não leva em conta o crescimento dos estudantes nas disciplinas, ignorando o fato de que o aprendizado é um processo gradativo e que é dependente das particularidades e individualidades de cada um. Apontamos para a necessidade de pensarmos em um sistema avaliativo que de fato leve em consideração os aprendizados adquiridos pelos estudantes ao longo de sua formação.

Parabenizamos o Conselho Federal de Nutricionistas e aos Conselhos Regionais de Nutrição, que tem buscado a aproximação com os estudantes de Nutrição, com o objetivo de acompanhar e auxiliar os futuros profissionais em seu processo formativo, para que se tornem nutricionistas qualificados e comprometidos com a sociedade.

Concluo a fala trazendo a tona os questionamentos levantados inicialmente, como forma de reflexão para os estudantes e profissionais. Nutricionista, a quem serve o teu conhecimento?

Executiva Nacional dos/das Estudantes de Nutrição (ENEN). Brasília, 25 de setembro de 2015.